

O Sentido da Caritativa

Luigi Giussani

Objectivo

I. Antes de mais a nossa natureza dá-nos a *exigência* de nos interessarmos pelos outros. Quando há algo de belo em nós, sentimo-nos impelidos a *comunicá-lo* aos outros. Quando vemos outras pessoas que estão pior que nós, sentimo-nos impelidos a ajudá-las em algo nosso. Esta exigência é tão original, tão natural que está em nós mesmo antes de que estejamos conscientes dela, e chamamos-lhe justamente lei da existência. Nós vamos à "caritativa" para satisfazer esta exigência.

II. Quanto mais vivemos esta exigência e este dever, mais nos realizamos a nós mesmos; comunicar aos outros dá-nos precisamente a experiência de nos completarmos a nós próprios. É tanto assim que, se não conseguimos dar, sentimo-nos diminuídos. Interessarmo-nos pelos outros, comunicarmo-nos aos outros, permite-nos cumprir o dever supremo - mais ainda, único - da vida, que é realizarmo-nos a nós próprios. Nós vamos à "caritativa" para aprender a cumprir este dever.

III. Mas Cristo fez-nos perceber o porquê profundo de tudo isto ao revelar-nos a lei última do ser e da vida: a caridade. Ou seja, a lei suprema do nosso ser é partilhar do ser dos outros, é pôr em comum a si próprio. Só Jesus Cristo nos diz tudo isto, porque Ele sabe o que é cada coisa, quem é Deus, de quem nascemos, o que é o Ser. Só consigo explicar por inteiro a mim próprio a palavra "caridade", quando penso que o Filho de Deus, ao amar-nos, não nos enviou as suas riquezas, como poderia ter feito, revolucionando a nossa situação, mas fez-se mísero como nós, "compartilhou" a nossa nulidade.

Nós vamos à "caritativa" para aprender a viver com Cristo.

Consequências

I. A caridade é lei do ser e vem antes de qualquer simpatia e qualquer comoção. Por isso trabalhar pelos outros é nú e pode ser privado de entusiasmo. Até se poderia perfeitamente não produzir nenhum resultado "concreto", como é usual dizer. Para nós a única atitude "concreta" é a atenção à pessoa, a consideração da pessoa, ou seja, o amor.

Tudo o resto pode vir como consequência: tal como Jesus que *depois* fez milagres e deu de comer às pessoas. Devemos advertir para dois pontos de partida não claros para a nossa abertura aos outros:

1. *Ajudar o outro nas suas necessidades.*

É um ponto de partida ainda incompleto! Qual é a necessidade do outro? Vê-se claramente que é um posicionamento ambíguo, pois depende daquilo que nós queremos que seja a necessidade alheia: e se aquilo que eu levo não é verdadeiramente aquilo de que têm mais necessidade? Aquilo de que têm verdadeiramente mais necessidade não o sei eu, não o meço eu, não o tenho eu. É uma medida que não possuo; é uma medida que está em Deus. Por isso as

"leis", as "justiças" podem chegar a esmagar, se esquecessem ou pretendessem substituir o único "concreto" que existe: a pessoa, o amor à pessoa.

2. *A amizade.*

Também começar apontando para a amizade, com toda a ambiguidade que isso pode comportar é incompleto. A amizade é uma correspondência que se pode encontrar ou não, um acontecimento não essencial para a nossa acção de hoje, embora essencial para o nosso destino final.

II. Ir junto dos outros livremente, o compartilhar um pouco da sua vida e pôr em comum um pouco da nossa, faz-nos descobrir uma coisa sublime e misteriosa (isto compreende-se fazendo!).

E a descoberta do facto de que precisamente porque os amamos, *não somos nós quem os faz felizes*; e que nem sequer a sociedade mais perfeita, o organismo legalmente mais sólido e com a estrutura mais inteligente, a riqueza mais ingente, a saúde mais férrea, a beleza mais pura e a civilização mais educada, poderá jamais fazê-los felizes. É um Outro quem os pode fazer felizes. - Quem é a razão de ser de tudo? Quem faz tudo? Deus.

E então Jesus não é somente aquele que anuncia a palavra mais verdadeira, aquele que me explica a lei da minha realidade, já não é somente a luz da minha mente; eu descubro que Cristo é o sentido da minha vida.

O testemunho de quem experimentou este valor é belíssimo: "Eu continuo a ir à caritativa porque todo o meu sofrimento e o deles tem um sentido".

Quando se espera em Cristo, tudo tem um sentido, Cristo.

Isto é o que eu descubro, finalmente, no âmbito onde vou à "caritativa", precisamente através da impotência última do meu amor: E é a experiência através da qual a inteligência entra a fundo na sabedoria, na verdadeira cultura.

III. Mas Cristo está presente agora: Não "esteve", não "nasceu", mas sim "está", "nasce" hoje: é a Igreja. A Igreja é Cristo, presente agora tal como Ele quis. E a Igreja é a comunidade que nós formamos: justamente nós, pobres e ligados a Ele. Por isso a esperança nos sustenta: o próprio Deus está entre nós, está presente entre nós.

Um de nós disse durante uma discussão: "Continuo a ir à caritativa porque estão lá vocês". É verdadeiríssimo: precisamente o sentido do nosso estar juntos, o sentido da comunidade eclesial, o que nos faz lançarmo-nos entre os mais deficientes, nos asilos, junto de quem quer que tenha necessidades, e amanhã na fábrica, na cidade, na Europa, no mundo que é tão grande e O espera.

Directrizes

Referir-se continuamente ao movimento, de outra forma é maior o perigo de perder a força na procura da ideia profunda que nos sustém no fazer pelos outros e é maior o perigo de desânimo, cansaço e infidelidade. A *fidelidade* em confiar nas indicações de movimento e daqueles que são dele responsáveis, é o primeiro método e dará os seus frutos. As directrizes que a este respeito Comunhão e Libertação dá:

1. *Saber porquê.*

Até que não saibamos bem, com clareza e simplicidade o porquê último, a finalidade do nosso fazer, não devemos estar tranquilos. O nosso objectivo é extrair de tudo o que fazemos o sentido, a ideia pela qual exclusivamente se faz. Por conseguinte é necessário dialogar. Nas nossas assembleias, em grupos pequenos, com os responsáveis da comunidade, com as pessoas mais maduras e vivas. É sobretudo necessário estar em contacto e confrontar-se de tempos a tempos com o "centro".

2. *Fazer para compreender.*

Para compreender não basta *saber*, é preciso *fazer*, com aquela coragem da liberdade que consiste em aderir ao ser que vemos, ou seja, à verdade. Se a lei da existência é pôr em comum nós próprios, nós deveríamos partilhar tudo, cada instante. Esta é a maturidade suprema, que se chama humanidade ou santidade. Para nos educarmos neste ideal, é mais difícil que seja útil o estar obrigado pela circunstância (o "dever" no sentido habitual). O que me educa é o pequeno tempo livre. O que dá a medida exacta da minha disponibilidade aos outros é o uso que faço desse tempo que é só meu, no qual posso fazer "o que quiser". Assim formaremos em nós uma *mentalidade*, um modo quase instintivo de conceber toda a vida como uma partilha. O pequeno tempo livre redime todo o outro. E, pouco a pouco, indo à caritativa começa-se a compreender melhor o colega da aula, o pai e a mãe, o colega de trabalho.

O momento único no qual podemos assimilar esta mentalidade com agilidade, pelo menos normalmente, é na juventude. É unicamente começando a fazer, a dar tempo *livre* como gesto integral da liberdade, é um modo como a caridade cristã se converterá em mentalidade, em convicção, em *dimensão* permanente. Deve-se notar que a nós não nos interessa tanto a multiplicidade de actividades ou a quantidade de tempo livre que se dedica. Interessa-nos sim que se afirme na nossa vida, na nossa consciência, o princípio do partilhar, compartilhar pelo menos mediante *algum* gesto, ainda que mínimo desde que seja sistematicamente previsto e levado a cabo. Por esta razão, para começar, bastaria inclusivé ir uma vez por mês. No que se refere à periodicidade do compromisso é também bom consultar quem nos possa aconselhar correctamente na comunidade.

3. *Ordem*

O que devemos comprometer é o *tempo livre* (e o mais a fundo possível). Duplo é o limite que mantém na ordem a genialidade do tempo livre:

- a) Não prejudicar o estudo (o trabalho).
- b) Não faltar ao respeito atento e à liberdade do outro dentro da família.

Também aqui será o diálogo pessoal com a autoridade familiar e com a autoridade no movimento que te ajudará a alcançar um critério para definir o teu tempo livre.